

ASSIMILAÇÃO ESTÉTICA DO SOCIAL EM “TERRAS DO SEM FIM”

Rosaura Gil Marquez *

A leitura de TSF sensibilizou-nos e nos fez sentir, logo de início, numa espécie de primeira impressão impossível de apagar: que Jorge Amado cumpre plenamente sua função social quando fixa na forma romanesca, uma realidade que o marcou e na qual as figuras imponentes dos coronéis, proprietários de extensas terras, destroem-se e matam, destruindo e matando outras criaturas, sempre como decorrência da ânsia de perpetuação do poder, do mando e da posse das terras.

Partindo dessas constatações iniciais, tomamos, como objetivo primeiro, investigar em “Terras do Sem Fim”, o aproveitamento do social transformado em elemento de constituição do literário, numa tentativa de chegar à nova realidade criada pelo autor que, partindo de uma realidade concreta, reflete nesta nova realidade, a essência de fenômenos humanos indiciados pelas relações do homem com os demais homens e do homem com a terra.

Sabemos que o escritor desempenha um papel social, e que com referência a ele, há uma quase constante expectativa por parte do leitor, pois o que escreve, segundo Antônio Candido ⁽¹⁾, tem uma íntima relação com suas experiências pessoais e com o meio. É isto justamente o que provoca sua forma de expressão e o que o leva a fazer do romance um espelho do social, do qual ele mesmo faz ou fez parte. No caso de “Terras do Sem Fim”, Jorge Amado coloca sua vivência e sensibilidade à tona, a partir dos esquemas sócio-ideológicos que instauram sua visão do mundo e que se constituem em modelo de sua obra, revelando, ao mesmo tempo, a construção e a lógica narrativa da mesma.

Jorge Amado, em “Terras do Sem Fim”, plasma suas personagens partindo de observação sobre indivíduos reais, fazendo-nos sentir a diferença entre aquilo que se imagina que a realidade é, e aquilo que realmente é; ou seja, que a realidade que surge (de seu reflexo artístico) emerge da própria prática, da própria vivência e da observação, atitudes estas, próprias do romancista e de sua obra.

Diz Pierre Francastel, que bom artista é aquele que “se identifica com a coerência de sua época” ⁽²⁾, a partir do que a própria sociedade lhe oferece. Esta afirmação é perfeitamente aplicável a Jorge Amado, que parte de um social sempre mutável, dando-lhe vida e recriando-o artisticamente.

O momento sócio-histórico é o da conquista de terras no sul do Estado da Bahia e o das conseqüentes lutas que caracterizam a situação de conflito. O autor de “Terras do Sem Fim”, consegue refletir vida em pleno andamento; daí a unidade nele sentida, a sensação de algo inesgotável nas ligações que faz entre indivíduos e situações de meados de 1911, ainda na República Velha.

O romance em questão é uma representação precisa e coerente de um conjunto de relações sociais em um momento histórico em que aparecem aspectos de vida que a sociedade preferiria dissimular. Daí nosso interesse pelo realismo crítico de Jorge Amado, expresso no romance, e que chega a nós através de sua apurada técnica narrativa, possibilitando-nos, assim, uma tomada de consciência do social e das formas e códigos desse momento de oposição entre latifúndios oligárquicos e burguesia emergente. Este é o cenário histórico e sócio-econômico do romance; cenário que é um somatório das lutas e contendas que nele se plurificam e que vão configurar o realismo amadiano em sua análise de individualidades e de suas interrelações, através das quais desponta, com maior evidência, o sistema econômico e social que as gera e no qual elas são vivenciadas.

É dentro do sistema de “Coronelismo” que os conflitos entre as personagens de “Terras do Sem Fim” acontecem e ganham tipicidade. O “Coronelismo” é comum aos dois “senhores” conflitantes: Badaró e Horácio.

Horácio é o burguês dinâmico que congrega em si as singularidades do Coronel latifundiário da Velha República. Seus jagunços são consequência deste fato e seus trabalhadores braçais, que vivem na condição de escravos, trabalhando apenas pelo sustento, desumanamente, também o são. O mandonismo e a ausência total de escrúpulos são nele uma constante; daí surgem as mortes, os caxixes e as injustiças em todos os níveis.

Sinhô Badaró está inserido na mesma estrutura coronelística de mandonismo direto, que também exerce escorrido nos seus jagunços.

Partindo da influência dos Coronéis conflitantes em “Terras do Sem Fim”, surgem as figuras dos homens “sem lei e sem Deus”, representadas pelos meeiros, colonos e posseiros, enfim, pela maioria da população rural que vive na mais negra miséria, à mercê de uma bala perdida ou diretamente endereçada a um deles, caso a cartilha pela qual rezem se afaste dos interesses maiores do Coronel. A dependência com relação ao Coronel é total e absoluta: ele tem poder de vida e de morte sobre todos os que a ele estão ligados.

Também os médicos, farmacêuticos, advogados, juizes, imprensa e os pequenos proprietários dividem-se em dois grupos, em função dos dois senhores das terras, praticando, em função disto, atos exorbitantes ou sendo alvo dos mesmos.

Outro elemento importante, ou melhor, principal, também comum aos dois setores conflitantes é a ânsia feroz pela posse da terra que irá gerar outro bem comum e desejado até às raias do exagero: o cacau, plantação que dará tanto mais dinheiro, quanto mais for explorada. O cacau, “o ouro negro”, é o móvel da desenfreada luta entre Horácio e Sinhô Badaró. É pelo cacau que chega gente de toda a espécie àquelas terras do “Sem Fim”; e é o cacau o elo que os prende à terra onde vivem, muitas vezes, em condições subumanas, como é o caso dos que vão trabalhar nas roças e dos que vivem em condições aviltantes, assim como daqueles que se transformam em jagunços ou são advogados de algum dos dois Coronéis; e que embora nutram o desejo de sair das terras do cacau, isto nunca se torna realidade.

O material para atingir nosso objetivo principal de leitura de “Terras do Sem Fim”: assimilação estética de realidade social, foi surgindo a nossos olhos através dos dois níveis da narrativa: história (conteúdo) e discurso (aspecto formal).

Dados os passos necessários para investigar-mos como funcionava a realidade histórica na estrutura do romance (passos estes que ganharam consistência no estabelecimento das relações de oposição e das mediações entre as personagens principais, e que foram percebidas através de suas ações), chegamos à conclusão de que a leitura que fizemos de “Terras do Sem Fim” ofereceu-nos realmente a oportunidade de evocar um momento histórico dado e a oportunidade de realizar uma certa avaliação desse momento.

Enfatizando as relações entre as personagens do romance, chegamos à situação sócio-histórica das terras baianas do cacau dos anos 1911/1917. Este retorno no tempo e no espaço é irrefutável. Foram as ações das personagens que se movimentam no universo do romance e os vários focos narrativos (narrador e personagens), os elementos que deram resposta ao questionamento principal: em que medida o social e o literário se interpenetram?

As contendas entre os Coronéis, a submissão sem revolta dos dominados por eles, a ânsia pela projeção política e pela posse das terras do cacau (principalmente por parte dos Coronéis e de algumas outras personagens secundárias) e a conseqüente alienação que emana desta fome voraz, colocou-nos diante de um universo romanesco tumultuado, agressivo e irreparável, que nos transportou, por sua vez, para outro universo idêntico, o dos anos da infância de Jorge Amado. O mundo romanesco recria, assim, um momento histórico marcado por relações dialéticas: oposições que se resolvem através de mediações; que por sua vez, apontam para uma síntese (ou desfecho do romance): o “progresso” que harmoniza (aparentemente) as lutas nas terras do cacau, lutas estas que ao mesmo tempo em que marcam contradições, marcam também elementos mediadores que neutralizam, de certa forma essas contradições, visto se tratar de uma luta entre dominadores, onde sempre é possível encontrar denominadores comuns...

Literariamente, essa realidade histórico-social (dialética) vai sendo construída através de seqüências narrativas em contraponto ou em histórias cruzadas, técnicas que nos levam a uma penetração nos constituintes fundamentais da narrativa, na medida em que estes elementos principais vão surgindo a partir das várias perspectivas e a partir das ações das personagens em suas camadas sociais respectivas.

As relações entre as personagens levaram-nos sempre a verificar os processos de reificação e alienação das mesmas, à imagem e semelhança do social que deu origem ao romance “Terras do Sem Fim”. Esses comportamentos e essas relações degradadas, que emanam tão claramente do romance, são inerentes às sociedades capitalistas (ou de caráter semelhante às relações no mundo capitalista), nas quais os valores humanos são substituídos por valores e relações apenas materiais, coisificando os indivíduos, transformando-os em objetos e alijando-os do seu papel de *sujeito* de sua própria história.

Todos estes dados sobre o romance e sobre o histórico-social que o ampara nos foram sendo fornecidos pelos núcleos operativos (ação das personagens) e pelos dados individualizantes (atributos físico-psíquicos). Como resultante das ações dos Coronéis, vimos nascer as ações das demais personagens, e até o final do romance este jogo foi uma constante.

Tudo foi contribuindo, em nossa análise, para ratificar os postulados teóricos sobre o realismo e sobre a penetração do social no literário, o que por sua vez nos levou a constatar, na prática, que a obra de arte reflete a vida em seus aspectos mais profundos.

O próprio Jorge Amado nos fala de sua ânsia de sentir o humano, a vida. E ele o consegue, porque recria a realidade da qual participou (e participa) intimamente e porque, acima de tudo, coloca o homem no centro do grande espetáculo do mundo:

“Ai do artista que pretende criar fugindo ao espetáculo de sua gente, desprezando, por apenas pitoresca e decorativa, a realidade ambiente, que imagine desligar os grandes problemas do homem, os chamados problemas eternos, do contorno de um tempo determinado e de uma ambiência local, ai de quem imagine poder existir o eterno sem o temporal” (3).

* Mestre pela UFSC
Professora Assistente da UFSC

-
- (1) CANDIDO, Antônio — “O Escritor e o Público”. In: *Literatura e Sociedade*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976.
 - (2) FRANCASTEL, Pierre et alii — *Sociologia da Arte II*. Rio de Janeiro, Zahar, 1967. p. 19.
 - (3) AMADO, Jorge — “Carta a uma leitora sobre romance e personagens”. In: *Jorge Amado, povo e terra: 40 anos de literatura*. São Paulo, Ed. Martins, 1972, p. 27.